

reportagem cultural

O papo é reto, o texto, direto

Márcio Pinheiro *

Como a entrevista tem seu ponto central na literatura, nada mais natural que escritos pessoais, livros e autores ganhem uma maior dimensão. Minha primeira pergunta tinha a ver com uma coluna em que ela encerrava com duas enigmáticas frases: “Se acha que essa história terá um final feliz, pode tirar o cavalo da chuva (será uma expressão apropriada?). Eu não consigo mais me ler. Você já se sentiu assim?”, constatava ela, antes de finalizar logo a seguir: “Deve ser consequência das mudanças todas, internas e externas. Elas reviram a gente, e o que deu para entregar foi isso. Torço para ainda ser a titular dessa coluna semana que vem”.

Publicada no final de maio, época em que o jornal que Martha trabalha vivia um período de grande efervescência - com a dispensa de colunistas importantes, como Cláudia Tajes, sua velha amiga, e Flávio Tavares, decano dos jornalistas gaúchos - o texto dava margem a infinitas interpretações. Até mesmo a de

que aquela parte seria uma despedida, voluntária ou não. “Não, não costumo mandar recados pela minha coluna”, diz Martha. “Aliás”, corrige-se, “mandei uma única vez, mas o destinatário não entendeu que era para ele”.

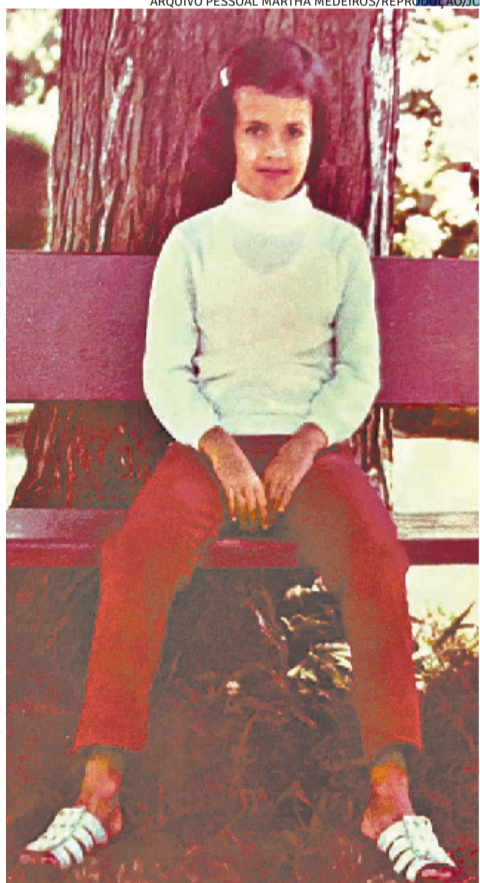
Porém não foi o caso do texto citado. Martha não estava fazendo nenhuma indireta. O final apenas tinha a ver com o teor do que ela havia escrito e que tratava do principal medo que atinge a todos que têm a obrigação de escrever com frequência: ficar sem assunto.

“Difícil não é escrever. Difícil é ter assunto”, explica Martha, que semanalmente tem que buscar temas diferentes para a

coluna. Parte da inspiração pode vir do cinema. Outra parte dos leitores. Uns escrevem, alguns mandam e-mails longuíssimos. Isso mesmo: e-mails. “Como não tenho secretária, nem agente literário, tudo é feito por mim, respondo a todos os e-mails”, explica. “Muitas vezes recebo relatos que me emocionam e já fiz alguns amigos pela internet”, conta ela.

Com Martha o papo é reto, o texto, direto. “O que eu escrevo é exatamente o que o leitor lê”, explica. E como se faz isso? “Quem me pauta sou eu. Desenvolvo os temas que gosto de debater e busco sempre as melhores palavras”. Simples assim.

CARIN MANDELLI/DIVULGAÇÃO/JC



ARQUIVO PESSOAL MARTHA MEDEIROS/REPRODUÇÃO/JC

Martha Medeiros comemora 30 anos de atividade e admite que ser patrona da próxima Feira do Livro de Porto Alegre poderá ser uma alternativa agradável

ARQUIVO PESSOAL MARTHA MEDEIROS/REPRODUÇÃO/JC

Primeira crônica de Martha em jornal foi publicada quase por acaso



Leitores que se aproximam geralmente são breves e educados

“A Martha tem o dom de fazer com que a leitora, o leitor, sempre se identifiquem com os textos dela”, analisa a também cronista Cláudia Tajes. “Eu sou viciada em comentários de crônicas e é incrível como quem lê a Martha sempre diz: ‘Puxa, essa foi escrita pensando em mim’”, indica Cláudia. “Ela tem um olhar apurado e se coloca no lugar do outro. Ela é uma cronista dos nossos tempos, das nossas angústias e prazeres. E é uma leitora voraz, que ainda escreve poesias e romances!”, define a atriz Júlia Lemmertz.

Essa identificação, percebe Martha, se materializa também no contato pessoal. Martha comemora o fato de quem se aproxima dela sempre chega com uma palavra gentil, educada e de estímulo. “Ao vivo, recebo o que considero um assédio respeitoso. Os leitores que se aproximam geralmente são breves e educados. Sinto-me acarinhada”. Sabendo desse perfil de quem a cerca, ela evita o quanto pode entrar em bolas divididas, em especial temas políticos personalizados na disputa Bolsonaro vs. Lula. “A política não está entre os temas que mais me fascinam. Mas não posso ficar alheia, muitas vezes eu tenho uma responsabilidade cívica em me manifestar”, explica.

Foi dessa forma, simples e direta, toda a trajetória de Martha, desde o começo. A chegada à crônica foi quase surpreen-

dente. Martha, na época morando em Santiago do Chile (o marido havia recebido uma boa proposta profissional), escrevia alguns textos que mostrava para poucos amigos. Um desses amigos, que trabalhava na ZH, fez a ponte com a direção de redação, que gostou da ideia e sugeriu que o texto fosse publicado no caderno Donna. Não parou mais.

O tema, lembra Martha, também ajudou. Ela comentava a capa de uma revista, que alardeava que a virgindade estava voltando a ser moda. “Era um absurdo tratar um assunto desses dessa maneira em 1994”, avalia Martha. “O meu texto foi bem aceito, os editores gostaram e eu fui ficando”.

A identificação de Martha com seu público é fundamental. Muitos regulam de idade com ela - o que confirma uma proximidade entre leitor-autor de três décadas - alguns já têm mais de 70 anos e pouco são jovens. “Jovem não lê”, constata Martha. “Muitos não têm paciência para acompanhar uma crônica do início ao fim”. Essa variedade entre o perfil dos leitores pode ser percebida nas longas e demoradas sessões de autógrafos. Dois terços da presença nas sessões e nas palestras é formada por mulheres. Porém, há uma curiosidade. “Os que mais se expõem são os homens. Alguns falam de suas angústias, relatam dúvidas e questionamentos.”